

Camões

“Numa mão a espada, noutra a pena”.

Serviu a sua pátria, empunhando a espada, defendendo com o corpo a sua liberdade, a dele e a da sua terra lusa, gravadas que foram as cicatrizes no físico e na alma.

Como poeta usou a palavra com mestria para falar sobre a sua terra lusíada, exortando o seu acérrimo patriotismo nas histórias dos nossos antepassados, legando aos vindouros as façanhas realizadas por aqueles que “por obras valerosas se vão da morte libertando.”

Num estilo eloquente, deixou um legado ao país, com ecos estrondosos no mundo inteiro, ofuscando o que de gloriosos os outros povos poderiam ter.

Que a gente lusíada deste presente e do futuro saiba revelar a gratidão ao príncipe dos poetas que deu Portugal ao mundo.

“ As armas e os *barões* assinalados
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da *Taprobana*,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras *valerosas*
Se vão da Lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiana
As navegações grandes que fizera;
Cale-se de *Alexandro* e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”

O príncipe dos poetas valorizou o papel universalista do povo português, considerando-o um povo do mundo que deu “novos mundos ao mundo.” Os Lusíadas estão eivados do espírito de cruzada, mas em simultâneo o espírito humanista do povo luso, valorizando as descobertas dos portugueses e as suas capacidades de se ultrapassarem a si próprios.

Camões exprime nos Lusíadas a gesta portuguesa do passado e do futuro, antevendo algo de extraordinário e único. A crença no império português, no estabelecimento de uma lei única e universal a todos os povos e crenças.